

GALERIA REPUBLICANA

Editor e proprietario — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director: — Magalhães Lima. — **Collaboradores:** Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Alves da Veiga, Anselmo Xavier, B. Machado, B. Pinheiro, Costa Goodolphim, Gomes Leal, G. Benevides, João Monteiro, José J. Nunes, J. M. Latino Coelho, Maria L. Caldas, Reys e Sousa, Roberto Valença, Rodrigues de Freitas, Silva Graça, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel, etc., etc., etc.

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 22

Novembro — 1882

1.º anno

Dr. Alexandre Braga

Fallar de um contemporaneo, dizer das qualidades eminentes que ornão um homem que todos os dias vemos na rua, se cruza conosco nos atrios dos theatros, participa das nossas agitações, communga nos nossos anseios, batalha nos nossos combates, tarefa é por certo difficil e perigosa. Corre-se a todo o instante o perigo de melindrar susceptibilidades, ferir modestias sinceras, magoar com as severidades da critica sympathias profundas. Mas, quando o homem de quem é chegado a occasião de relembrar o nome, de dar o retrato, de descrever a linha pura do perfil moral ou mental é, como Alexandre Braga, uma d'estas personalidades culminantes que conseguem imprimir o cunho da forte individualidade a tudo o que de uma vez se occupam, as difficuldades recrescem, porque as feições do talento do biographado multiplicam-se n'uma complexidade cada vez mais alta e mais intrincada.

Com effeito, Alexandre Braga não representa unicamente uma das formas tão vastas do engenho humano, elle não encerrou o seu trabalho exclusivamente, como as intelligencias simplistas, n'um qualquer dos departamentos do espirito; antes, poeta, jornalista, advogado e tribuno politico, a sua actividade tem-se repartido por variadissimas materias, tem-se manifestado, e em todos exuberantemente, de leitios numerosos.

Não cabe nem nos limites das paginas da *Galeria Republicana*, bem curtas para um tão amplo intendimento, nem principalmente na amplitude das forças mesquinhas de quem estas linhas escreve, o deixar estudada integralmente esta poderosa physionomia; mas se conseguirmos,

na elegante palavra de Ratisbonne, fixar tão só a sombra d'esta figura, por felizes nos reputaremos. Só pois, á conta d'um esbatido contórno é que este estudo deve



ser tomado, deixando a perfeitos artistas da palavra o encargo de avivar os traços que, com mão tremula, nos propomos desenhbar.

N'uma casa da velha rua dos Mercadores, d'esta cidade do Porto, nasceu a 14

de março de 1829 Alexandre José da Silva Braga, filho de outro e de D. Maria Emitia de Carvalho Braga.

Era pae do futuro jurisconsulto um negociante honradissimo d'esta praça, um d'esses antigos *homens bons* de que a tradição ameaça perder-se, probó nos seus contractos, amando, como os seus proprios, os interesses da patria e da liberdade, convivendo, nos intervallos das labutações, com os homens eminentes do tempo, avido de conhecimentos, apreciando e respeitando os debates do espirito, amando refugiar-se alli por instantes da aspera sensibilidade do trabalho mercantil. Assim, a casa de Alexandre José da Silva Braga era frequentada, entre outros, por Julio Gomes da Silva Sanches, que ao depois veio a ser ministro de estado, e José Estevão, a mais completa natureza de tribuno politico que ainda temos possuido e em cujo convivio, de tenros annos, Alexandre Braga aprendeu o culto da justiça e o enthusiasmo generosissimo pela liberdade.

Depois de ter frequentado as aulas aonde se habilitou em breve trecho nas materias, cujo conhecimento por então dava ingresso na Universidade, entrou para este estabelecimento, a fim de seguir o curso de direito, no anno de 1849.

Em Coimbra, ao tempo entregue ás turbulencias d'uma mocidade generosa, mas que desassidadamente dispndia as suas energias nas tradicionais arruaças que a tornaram tristemente celebre no paiz, Alexandre Braga, cuja alma apaixonada sollicitava os mais nobres estimulos, desprezando os prazeres facis e as notariades doentias, procurou na companhia de alguns espiritos de eleição, como o seu, os contentamentos puros que só appetecia.

E' assim que constituiu com Antonio Ayres de Gouvêa, Soares de Passos, uma das victimas da turbulencia coimbrã, e outros, como estes, eminentes companheiros de trabalho, camaradas de estudo, irmãos pela fé, um cenaculo illustre de que mais tarde havia de sahir um testemunho radioso da elevação mental dos que d'esse agrupamento eram as parcelas integrantes.

Com effeito, em fins de 1835 e em 1836, na imprensa de E. Trovão, vê a luz publica, aos fasciculos mensaes, um periodico de versos que vem a constituir um volume, 8.º grande, de 208 paginas, intitulado: *O novo trovador: collecção de poesias contemporaneas, regidas por alguns academicos*, que insere produções de Ayres de Gouvêa, Soares de Passos, Pereira da Cunha, Serpa Pimentel, João de Lemos, Rodrigues cordeiro, Palha, Silva Ferraz, e onde Alexandre Braga occupa, pelo numero e pela qualidade dos versos publicados, um lugar, das superiormente culminantes.

Naturalmente assim havia de succeder; já no anno de 1849, em que partira para Coimbra, havia o moço poeta feito apparecer, com a exagerada timidez, que soe ser partilha dos homens de verdadeiro merito, e que tanto se manifesta pelo murmuro humilde do prefacio de Alexandre Braga como pelo grito de orgulho do de Lopes de Mendonça nos seus *Essaios de critica*, um volume de versos, intitulado *Vozes d'alma*, impresso na casa do antigo livreiro da terra, José Lourenço de Souza, e depois ainda no Porto reimpresso em 1857.

Egualmente, antes d'ir para Coimbra, Alexandre Braga de parceria com Silva Rosa Junior fundou o periodico de versos *A Lyra da Mocidade*, e seguidamente, de volta já a esta cidade, terminada a sua formatura, nos intervallos das suas occupações diarias, esmalta com composições da sua lavra as columnas da *Grinalda* e outras publicações litterarias, cuja historia, como documento valiosissimo para o conhecimento da evolução do romantismo entre nós, ainda esta por fazer.

Quanto à maneira do poeta, acha-se precisada nas seguintes palavras da *Revista Popular*, tom. III, pag. 270: «Foi o primeiro poeta que teve a escola romantica no Minho. Ha no seu livro cousas que revelam grande genio. O seu gosto não estava ainda formado... A sua musa é habitualmente sentimental e triste, sem comtudo deixar a espaços arrojados de enthusiasmo, e impetos d'amor da patria. A sua poesia é suave e apaixonada: os seus versos, cadenciosos e de uma perfeição metrica admiravel.

Como o dissemos, o talento de Alexandre Braga é multiplo e ainda bem uma das suas feições não é conhecida logo novo aspecto se offerece à nossa consideração.

Assim, como se as qualidades de poeta que exornam a privilegiada intelligencia do que biographamos não bastassem, a superior facilidade com que maneja a pen-

na de polemista ser-lhe-hia sempre a concitar os louvores e a concitar em torno de si mesmo a admiração.

A 15 de setembro de 1836 vê a luz publica n'esta cidade o numero-programma do *Clamor Publico*, que começou a sahir todos os dias de 1 de outubro seguinte em diante até 30 de setembro de 1837, em que termina a sua publicação.

Foram redactores d'este jornal, que desde os primeiros numeros se elevou a uma grande altura, Alexandre Braga, Camillo Castello Branco, A. Coelho Louzada e Evaristo Basto, tendo por colaboradores effectivos Pedro d'Amorim Vianna, A. F. Paiva Araujo, Antonino José M. da Rocha e F. Pinto da Costa, auxiliados de quando a quando por A. Girão, Marcelino de Mattos, J. Gomes Monteiro, Augusto Soromenho, que com o seu pseudonymo de Abd-Allah insere nos ultimos numeros do periodico uma interessante revista critica dos escriptores portuenses do tempo, onde Alexandre Braga é tratado com um louvor tanto mais valioso quanto se sabe como d'elles era parco o futuro professor e outros mais.

A 19 de fevereiro de 1837 separaram-se da redacção A. Coelho Louzada, Camillo Castello Branco e Evaristo Basto, ficando o *Clamor Publico* exclusivamente a cargo de Pedro de Amorim Vianna, Soromenho e Alexandre Braga, que representa alli o papel culminante pelo numero de artigos que escreve e pelo alto espirito de progresso que palpita n'esses artigos.

Tomou tambem Alexandre Braga parte activa na redacção de diversos outros periodicos, entre os quaes notaremos o *Echo Popular*. Mais ao diante, no *Diario da Tarde* é digno de especial menção o artigo publicado por occasião das violencias da auctoridade policial á porta da Sé, quando houveram manifestações liberaes promovidas n'esta terra contra os incorregiveis sectarios do entenebrecimento das consciencias.

Propunha-se o illustre periodista em 1873 a publicar conjunctamente com seu irmão Guilherme, a mais expontanea organisação poetica d'estes ultimos tempos, um diario, de que chegaram a sahir prospectos, e que se havia de intitular *A Lucta*. A prematura morte do fustigador do *Bispo* veio, porém, destruir esse projecto a que por certo era destinado a affirmar-se profundamente.

A 22 de fevereiro de 1858 usa Alexandre Braga pela primeira vez da palavra nos auditorios d'esta cidade, defendendo o mulato Fernando Vicente Martins da accusação que contra elle movia o vice-consul brasileiro José Boltumio. O discurso de Alexandre Braga n'essa causa celebre é um verdadeiro primor de logica no raciocinio, de elegancia e energia na phrase convencida, e constitue o corolario natural da longa defeza que expontaneamente iniciara o orador nas columnas do *Clamor Publico* e nobremente levava a cabo, mau grado todas as sollicitações

com que por vezes o pretenderam abalar, em favor do desprotegido mulato, victima das maquinações do consulado do Imperio n'esta terra.

Foi ali que aquelle de quem nos vimos occupando começou a conduzir a sua gloriosa campanha contra os infames alevicos com que ao tempo ininterrompidamente se manchava esta cidade, como sendo o valhacouto de moedeiros falsos, ladrões da fortuna publica e particular do Brazil. Não soffria o animo de Alexandre Braga que accusações d'esta ordem pretendessem sujar o brazão nobilissimo da terra que lhe fora berço, ao insigne juriconsulto; e assim todas as vezes que a ignobil calumnia se alevantava, desde o murmuro indeciso até ao vendaval furioso, a nobre figura de Alexandre Braga adiantava-se a protestar, indignada, a desfazer, pelos processos da analyse mais subtil e mais rigorosa, todo o mundo de artificios creado para que o alevico circulasse.

Note-se, a este respeito o discurso pronunciado na causa Gallo com outros mais de que eloquentes excerptos podem ser vistos do curioso opusculo de Urbano Loureiro *Um punhado de verdades*, opusculo este em que o talentoso jornalista recém-morto outra coisa não teve em vista mais do que o trazer o seu *quantum* á obra de reabilitação que Alexandre Braga já de havia muito emprehendera.

Depois do primeiro successo do moço advogado, só por dias de gloria se poderão contar, em que a voz do eloquentissimo orador tem enchido dominadoramente as sallass dos tribunales do Porto, de Barcellos, de Villa do Conde e outros. A querer proceder a citações comprovantes, não teriamos senão a difficuldade da escolha.

Não especialisaremos, pois mais do que essa defeza extraordinaria do banqueiro Roriz, uma das paginas superiores da eloquencia do fóro entre nós, e a do negociante Afflalo, tão sagazmente conduzida que n'uma das causas-crimes, d'um mais grave alcance que se tem julgado no paiz e inquestionavelmente a do Banco Ultramarino, na capital, os eminentes juristas Manoel d'Arriaga e Visconde de Moreira de Rey não hesitaram em recorrer ao processo de defeza pelo advogado portuense usado, apelando em pleno tribunal para a grande auctoridade do nome do seu laureado camarada.

Apesar de vivamente sollicitado por diversas vezes recusou-se sempre Alexandre Braga pertinazmente a entrar na vida politica. Já quando acabara de formar-se recusara o lugar de secretario geral do governo civil de Vianna, para que Julio Gomes da Silva Sanches o queria nomear. E até á data em que se constitue n'esta cidade o *Centro Republicano Democratico* fundado por Alves da Veiga, Eduardo Falcão, Rodrigues de Freitas e outros, elle conserva-se afastado do movimento dos partidos politicos, em que não podia confiar e cujos planos governativos, seu enlevo e seu ideal não satisfiziam as suas aspirações francas e rasgadas.

Logo, porém, que um agrupamento se

produz de homens leal e sinceramente voltados para o futuro, Alexandre Braga em quem o entusiasmo dos annos juvenis arde tão vivo como por então, e o primeiro a vir amparar com o prestigio do seu nome a obra modesta que começava a esboçar-se.

A historia da democracia, registrando o nome dos fundadores d'esse centro, pagará em merecidos louvores o serviço eminente desinteressadamente ao novo ideal prestado por Alexandre Braga, como já o começa a fazer pelas seguintes linhas do illustre mestre da geração nova, o dr. Theophilo Braga, a pag. 242 das *Soluções positivas da politica portugueza*, quando, apreciando a circular do centro em que é indigitado o nome de Rodrigues de Freitas, o insigne professor escreve: «Estas palavras dos membros do directorio acham-se firmadas com nomes como o de Alexandre Braga o primeiro advogado do Porto, pelo professor de mathematica do Lyceu Joaquim Duarte Moreira de Souza, o primeiro que em Portugal estudou a philosophia positiva, por outro mathematico não menos illustre J. C. A'Neil de Medeiros, pelo medico Tito Jorge de Carvalho Malta, pelo distincto escriptor e juriconsulto Alves da Veiga.» e acrescenta: «Isto nos prova que a aspiração revolucionaria se converteu já nos espiritos superiores em uma opinião, que se affirma com a impassibilidade do que se demonstra.»

E, como é já certo que sempre que a liberdade lhe pareça ameaçada e que as conquistas feitas se lhe afigure que correm perigo, invariavelmente Alexandre Braga accorre offerecendo integralmente na defesa dos principios que lhe são credo de toda a vida o muito que pode e o muito que vale, desde que pelas medidas de rigor iniciadas pelo ministro Ferry em França contra as communidades religiosas, o movimento contra os restos do monarchismo acordou entre nós immediatamente o tribuno apparece a despendrer da sua alma impaciente o grito de alarme contra o inimigo secular.

Está pois no seu campo ainda e sempre o nobre espirito, não cede nem uma pollegada de terreno; não quer que o tomem, nem por um instante, senão como um adversario irreconciliavel, tão prompto no ataque como certo na replica.

E esta é para nós a feição com que mais sympathisamos das que constituem a physionomia moral d'este homem: a dedicação inalteravel pela fé dos primeiros tempos, dedicação que dera ainda em Coimbra um exemplo digno de figurar ao lado dos analogos de Rochefort e do pequeno Cavaignac, quando impede junctamente com o ao diante moralmente morto, Antonio Ayres Gouvêa, um sarau poetico a realisar na sala dos capellos em honra de D. Maria II, logo depois da vergonhosa entrada n'este paiz do exercito hespanhol de Concha, ameaçando com a recitação d'uma poesia em que fulminava aquella que não hesitava em chamar os estrangeiros a que viessem consolidar-lhe o throno, embora á custa de sangue portuguez que tivesse de derramar. Esta poesia com a de Ayres de Gouvêa, correu impressa em Coimbra em 1852, sob o titu-

lo, que as duas comprehendendo, de *Voz popular* e é offerecida aos artistas da cidade do Porto.

Chegados a este ponto, em que deveriamos fechar estes apontamentos biographicos com uma apreciação geral do talento do biographado, confessamos que hesitamos e que o receio de ser taxado de pretencioso e fatuo nos assalta.

E, com effeito, aos elogios tecidos a este homem por Camillo Castello Branco nas *Cosas leves e pesadas*, Arnaldo Gama no *Gemo do Mal*, Bulhão Pato em *Sob os cypristes*, Rodrigues Cordeiro em a biographia de *Guilherme Braga*, e por tantos outros trabalhadores da penna, vimos nós, do fundo da nossa obscuridade, acrescentar as nossas opiniões pessoais, se se desculpa pela sinceridade da intenção, pouco se poderia perdoar em referencia á ouzadia por demais temeraria.

Quando toda a imprensa do paiz é unanime no applauso tributado a Alexandre Braga, desde que, como recentemente, o seu nome vem á tela do exame, quando a opinião se move sem oscillações orientando-se no sentido do merecido preito a dispensar ao talento do orador do imponente comicio de 17 de abril de 1881, que importa o conhecer-se ou deixar de se conhecer a apreciação grosseira com que poderia-mos completar estas linhas rapidas, fugitivas, abandonadas *currente calamo*?

Quem o vir no seu pequeno escriptorio de advogado, ao fim d'uma estreita rua do antigo Porto, nas cercanias do tribunal, abandonado na sua velha *voltaire*, estará longe por certo de imaginar a prodigiosa transformação que se opera em Alexandre Braga, quando lhe chega a vez de abalar com o seu verbo poderoso as convicções dos que hesitam. Como que cresce; os olhos accendem-se-lhe em clares successivos; os labios fremem-lhe, espumando de entusiasmo ou retorcem-se sob os sarcasmos que os vinham; todo o corpo se lhe agita, sacudido pela onda intima que o revolve; a palavra cae-lhe de alto, sonora e clara, como o jorro de agua pura das cataractas trespassadas do sol. O talento oratorio do advogado portuense é de sua natureza essencialmente dialectico, o que o salva dos exageros sentimentaes que maculam a ampla inspiração de Lachaud, entre outros. Aqui, os argumentos atropellam-se, uma logica irresistivel guia o orador de deducção em deducção, uma sciencia do direito, tão profunda quanto basta, habilita-o a socorrer-se a todo o momento de *similis* justificantes da sua theoria, o que o não impede por forma alguma de arrancar das cordas de ouro que formam o tronco da sua organisação de poeta esses gemidos profundos que fazem nascer nos olhos as lagrimas de piedade. Sirva de exemplo aquelle magnifico movimento de de feza de Roriz, quando o orador se refere á esposa do acuzado ferida de loucura;

movimento que nada tem a desejar, pela simplicidade do processo e pela profundidade da emoção suscitada, aos melhores modelos do genero.

E' que sob a toga do orador forense ainda bate a grande alma apaixonada que soube extrahir de si mesma não só as imprecações da *Ode á Inglaterra* e as saudações ferventes do *Hymno ao sol*, duas composições estas de primeira grandeza, como os accents d'essa admiravel elegia á morte de *Amelia*, a doce inspiradora dos sonhos juvenis do poeta que, quando ella succumbe, exprime a sua dor inenarravel em estrophes supermas, atravez as quaes como se sente estalar o coração que as dictou.

E, com effeito, como o disse o sr. Camillo Castello Branco, havendo passado de *optimo poeta a excellente orador forense*: «não se apressou, não. Ouçam-o quando elle defende um innocente ou quebra a rigidez da vara ferrea da lei sobre um criminoso, e hão de ver que poeta alli está». O poeta persiste, em verdade, apesar talvez de todos os esforços que haja feito por se suicidar; quando os sentimentos da justiça são escarnejados, quando as garantias civicas são calcadas aos pés, então é ver como o fogo atenuado se reanima e como o homem que forceja por salvar o inglez Cassels, accusado de irreligião, é ainda e sempre a alma confiante que abriu os olhos á liberdade e a tomou com amor, para a musa dos seus cantos.

Exemplo de constancia na fé, Alexandre Braga é uma lição viva á mocidade dos nossos dias, preocupada exclusivamente da forma, fanatica da perfeição do estylo, mas insensivel ao nobre estimulo dos principios, confinada n'uma indifferença egoista e gasta por scepticismo, essa carie dos caracteres.

Este, não! Este ainda é da grande raça dos capazes de viver e de morrer, como o sublime Baudim, por e para uma causa uma vez abraçada. Não é, pois, só pelas qualidades eminentes do espirito que este homem tem de ser considerado, por mais illustres que ellas sejam; antes força é ver que elle pertence, pelo feito do caracter, ao numero dos das fecundas phazes se não limitam a criticar, mas que fundam e organizam o que ha de ser mais ou menos duradouro.

Chegado ao meio da existencia no momento em que uma mocidade brilhante mas sobre que peza o ananké de ter surgido n'um periodo de crise moral, em que os principios e as instituções, os criterios e as formulas que escudaram nossos pais no aspero *struggle for life* se encontram em pleno trabalho de dissolução, não sabe para que lado fazer convergir a fé e aonde buscar o ideal, e cahe assim naturalmente n'esse tedio, n'esse cansaço, n'essa desesperança, que accometeu o velho mundo pagão ao alvorecer do christianismo, que succedeu ás exageradas confianças na revolução e que hoje attingiu a importancia de ser systematisada em corpo de doutrina philosophica, elle, como o velho Quinet, poderá exhibir este extranho espectáculo de offerecer conforto aos desalentados, de, sahindo da vida,

a defender, aos que, mal n'ella entrados calunniando-a, já a renegam.

Estes homens assim são um estimulo vivificante e valem não só por si mesmos como por a fé tradicional que conservam intacta, de modo a transmittir-a ás gerações que vêem assomando e que terão de continuar a tarefa empreendida por as que as procederam.

Os homens da mocidade de Alexandre Braga cumpriram nobremente o seu dever; deixaram-se atravessar de todas as theorias, de todas as verdades, de todos os enthusiasmos, de todas as utopias do seu tempo; vindos na esteira dos reformadores philantropos do seculo passado, elles tiveram todas as chimeras generosas que a prolixa educação classica que receberam fazia germinar. Acreditaram na regeneração humana por meio de leis sabias, justas, pedindo agora a abolição da pena de morte, depois a prohibição do trafico, logo a severidade administrativa contra os contractores de ma fé, taes como engajadores etc., e conseguiram por um processo, de resto empirico, produzir o quantum de felicidade social que esse processo devia comportar. A nós, homens de um periodo difficil, em que a energia moral desfallece; de modo a não corresponder em igual secção á despeza especulativa, cumpre-nos aprender d'estes que nos procedem a inalteravel lealdade, a escravidão consciente da alma recta ao ideal que uma vez se formou.

Em Alexandre Braga, porém, não temos só esta lição de caracter, antes a compartilha dos pontos de vista, pois que, não se isolando nos resultados a que chegara, mas acompanhando pelo contrario toda a evolução do pensamento humano, não deixando nem por um instante de seguir a marcha das idéas nos domínios abstractos da sciencia e na sua passagem da theorisacão ao concreto do facto social, corrigindo com novas observações mais exactas as conclusões a que outras o haviam levado, rectificando pela acquisição de novas sciencias constituidas os esboços que defendera e de que essas sciencias se vieram a destacar; — por uma fecunda elaboração intellectual constante e eminentemente juriconsulto acha-se hoje não atrasado, como tantos do seu tempo que se immobilisaram em formulas ao presente caducas, antes homem de agora, possuido de fé nova, banhado do espirito moderno, na vanguarda pelas idéas que abraça e ahí nos primeiros postos pelo talento poderoso que generosamente põe ao serviço d'essas idéas.

Encontrando-nos, pois, com o illustre tribuno sobre o influxo do mesmo criterio, busquemos do seu exemplo, se não as qualidades do intellecto que são de sua natureza pessoais, o imitar-lhe a dedicação e o enthusiasmo.

E para o que temos a levar a cabo, essa dedicação, por maior, esse enthusiasmo, por mais fervente, não são demasiadas para as difficuldades que temos a superar, as resistencias que temos a partir. Chegamos á dura epocha em que as reconciliações são impossiveis, as fraternisações sentimentaes, á laia da de 1848, absurdas. A nossa lucta contra o velho mundo

que resiste tem de ser cruel, barbara, selvagem, como a senha da communa aos exercitos que partiam para a Venda: *Nada de piedade, nada de quartel*. Compreendeu-se que condescender com o inimigo é prolongar-lhe uma existencia de maleficios e que urge, pois, acabar com elle d'uma vez por todas, de modo que o combate que temos de ferir hade ser na expressão do sr. Anthero do Quental, «obra de ferro e fogo, não obra de sentimento e eloquencia. A fraternidade, quando deslocada e extemporanea, pôde ser mais perigosa e mais custosa do que uma franca e patente hostilidade.»

Ora para que não escasseie a somma de energia necessaria á fama em que, como Alexandre Braga, todos estamos empenhados, os que illumina o clarão do ideal, santa faina de eliminacão da realleza, suppressão dos exercitos permanentes, libertação do commercio pela extincção das alfandegas, democratização da justiça, tornada arbitral e gratuita, secularização do ensino, independencia da sociedade civil de todo e qualquer credo religioso, esplendido passo dado para a emancipação do espirito humano das chimeras theologicas e metaphysicas que o corrompem, substituição inteira de todo o regimen penal, desde que se recusa á sociedade o direito de punir, modificação do imposto que, comprehendido d'uma maneira racional e scientifica, é, como bem viu Proudhom o factor mais importante da paz e da liberdade, offerecendo a incognita do problema social que em balde o socialismo procura nas combinações mais extravagantes; para que não escasseie, dizemos, a força indispensavel á realisacão progressiva das partes componentes do vasto programma dos trabalhos da geração hodierna, não é nunca ocioso que retemperemos as nossas vontades no exame reflectido da vida dos homens, como o de quem vimos fallando, cavalleiros da Idéa, *sans peur et sans reproche*, incapazes de entregar jamais a espada, scintillante e pura.

E', portanto com o maximo orgulho que hoje a *Galeria Republicana* dá o retrato e biographia do auctor do admiravel discurso contra a congregação de Jesus vibrado pelo advogado portuense, modelo de relevo de argumentação, buscada da historia, a fundo conhecida e explorada, e de perfeição magistral de factura litteraria, nós, homens da geração moderna, nós, alistados nas fileiras da mocidade que batalha contra os restos do velho mundo que protestam e reagem, nós os recém-chegados, reivindicamos para nós outros o nome de Alexandre Braga, como de direito pertencendo-nos. E, como elle, exforcemo-nos para que se não percam as conquistas realisadas; como elle, não deixemos que o inimigo venha a readquirir o terreno que nossos paes lhe arrancaram e que, implacavelmente, a nós corre o dever de tornar para nós cada vez mais amplo.

Como elle, depois de mantidas as posições ganhas prosigamos, as bandeiras desfraldadas, na marcha triumphal da civilização victoriosa; como elle, tratemos todos de descobrir o processo de lançar

essa ponte ideal que tem de ligar o passado ao futuro, processo que não pode ser senão o do desenvolvimento das acções creadas por nossos avós e a completar por nossos netos.

Sendo da longa elaboração mental das epochas anteriores a uma dada que o criterio depurado d'esta se desprende, só a conservação das energias accumuladas é que permite o apparecimento de novas, successivamente mais potentes.

Por outro processo se não opera esta integração progressiva das opiniões, das doutrinas, das reformas, das instituições, dos productos humanos, emfim, dada a esta palavra a amplitude philosophica que ella comprehende, n'um final todo homogeneo, larga synthese conciliadora de variadissimas antinomias, em que consciente e inconscientemente tudo o que foi trabalha para tudo o que hade ser.

E não poderia, não deveria acontecer d'outro modo, pois que, sendo como é, o progresso humano naturalmente sem solução de continuidade, o presente tem de considerar o passado, por mais ominoso que elle lhe pareça no seu contorno geral, como o seio fecundo em que bebeu a vida; e é assim que o futuro, cheio de luz, ha de saudar, como a sua mãe, a sombra anterior de que emergiu, radiante, como a aguia que, evadida da jaula ignominiosa, logo paira na mansa serenidade do Azul, faiscando do bom sol que a cobre, na sua pompa e na sua gloria.

Porto.

Bruno.

AO POVO

A PROPOSITO DO CASO MASELLA

Do Fontes augusto
Na patria sem cheta
Masella — o roupeito
dá leis a quem quer!
De tal ousadia
já ri com vontade
a gran magostade
e a propria mulher!

Já pulam contentes
uns velhos casmurros,
a folha dos burros
já grimpá de mais,
e há já quem rabisque
nos livros da historia
a immensa victoria
dos bons clericães!

E o nosso povinho,
o Ze, cuja próba
a fama apregã
p'ra alem do paiz,
que faz que não pegá
u'um bom marmoleir
e ao padre maisveiro
não quebra o nariz?!

Tem medo da Fontes!
do rei? da rainha?
da santa gentinha
que vive a rezar?!

Ah! povo! desperta
do sono pesado!
empunha o cajado
com zana e furor!
Não temas que o papa
se zangue contigo
e seja inimigo
de ferro rancor!

Atira-te á sucia
de orelhas compridas!
não pouses as vidás
a taes molandris!
e faz em pedacos
as santas costellas
dos negros Masellas
e seus monsqins!

REKKARREDO.

AMANHÃ!...

Um dia o povo emfim já farto do tutores
Cansado de aturar os seus imperadores,
Os despotas cruéis, os reis tão sanguinarios,
Um infallivel papa e os padres salafriarios,
Erguendo sem temer a sua faço irada,
Tendo no peito a fé, tendo na mão a espada,
Verá cahir por terra em puz-de-mocho
O throno, e em seu logar surgir a relemplacão!
Então não terá mais perseguições malitias!
Expulsará os reis e os padres jesuitas;
E em vez d'esse ontro vil, em vez da monarchia,
Resurgirá a paz e a san democracia!

AN.

ALMANACH DA GALERIA REPUBLICANA

Em breve estará esgotado o nosso almanach. Preço 120 réis.